

Afeganistão



7ª posição na Classificação de países por perseguição

Sob diversas óticas, o Afeganistão é resultado de sua localização geográfica e de sua topografia. Ele já foi chamado de "encruzilhada da Ásia Central" porque o lendário Passo Khyber, localizado na fronteira com o Paquistão, é um ponto estratégico de ligação entre a Índia e as regiões ao oeste. Muitos imperadores invadiram o Afeganistão com o objetivo de dominar essa passagem, mas a maioria fracassou, por ser o país, literalmente, cortado ao meio pela cordilheira Hindu Kush, que forma um esconderijo natural e uma barreira para os exércitos invasores. Os defensores afegãos só precisavam esconder-se atrás dessa barreira e aguardar o momento oportuno para atacar os inimigos. Por outro lado, as montanhas do Hindu Kush têm causado uma guerra civil quase interminável entre exércitos governamentais e forças opositoras, assim como têm evitado a infiltração do evangelho e de influências consideradas modernizantes, como o desenvolvimento tecnológico.

Os pataneses compõem o maior grupo étnico e constituem cerca de 42% da população do país. O segundo maior grupo, com 27% da população, é formado de tadjiques, seguido por hazaras e uzbeques. Do total de 31,9 milhões de pessoas, 44,6% possuem menos de 15 anos e 75,7% da população vive em áreas rurais.

O Afeganistão já foi disputado por diversos impérios, desde Alexandre, o Grande, até o Império Britânico. Em tempos mais recentes, a autocracia monárquica deu lugar à República (1973), que, por sua vez, terminou com um golpe pró-marxista em 1978, seguido de uma invasão soviética. O conflito armado foi um desastre para o país e levou à retirada dos exércitos vermelhos no final da década de 80 e à queda do regime comunista em 1992.

A falta de união entre as fileiras guerrilheiras deu início a uma guerra civil e, ao longo da década de 90, uma milícia fundamentalista denominada Talibã obteve o controle de 95% do país, deixando que apenas uma pequena área ao norte fosse controlada pela inimiga Aliança do Norte.

Poucos países do mundo reconheceram o governo do Talibã, mas isso não impediu que, por alguns anos, seu regime fosse uma triste realidade para os afegãos. Na grande área que controlava, o Talibã impunha uma rígida interpretação da *sharia*, a lei muçulmana. Vários crimes eram punidos por meio de execuções, amputações e apedrejamentos públicos. As mulheres eram as que mais sofriam, pois não tinham acesso à educação nem à saúde, e seus direitos humanos eram constantemente desrespeitados. Além disso, diversas atividades corriqueiras eram proibidas, tais como o futebol, o cinema, raspar a barba e até tocar instrumentos musicais. O radicalismo do Talibã fez com que muitos intelectuais abandonassem o país.

A economia afegã foi arruinada por quase duas décadas de guerra. As áreas rurais haviam sido envenenadas, bombardeadas e minadas. Metade das habitações, quase a totalidade dos complexos sistemas de irrigação e grande parte dos rebanhos bovinos foram destruídos. Com o conflito com os Estados Unidos, as atividades econômicas do país tornaram-se ainda mais precárias. A agricultura absorve a maioria dos trabalhadores afegãos, sendo o cultivo de ópio a mais rentável.

Dados gerais Capital

Cabul

Governo

República islâmica, chefiada pelo presidente Hamid Karzai desde 2004

População

24,3 milhões (31,89% urbana)

Área

652.090 km²

Localização

Centro-sul da Ásia, sem saída para o mar

Idiomas

Dari, pashto, uzbeque e turcomano

Religião

Islamismo 99,4%, cristianismo 0,01%

População cristã

3 mil

Perseguição

Opressão

Restrições

Não há leis que proíbam a prática de outras religiões e nem a evangelização, no entanto, a conversão do islamismo é considerada apostasia e poder punida com pena de morte

Afeganistão



7ª posição na Classificação de países por perseguição

Os ataques terroristas contra Nova York e Washington, em 11 de setembro de 2001, tiveram grandes conseqüências para a história contemporânea do Afeganistão. Depois de os EUA exigir a prisão e a extradição do saudita Osama Bin Laden (hospedado pelo governo Talibã e acusado dos ataques), declararam guerra contra o Talibã e, a partir do dia 7 de outubro, passaram a bombardear massivamente o território afegão, enfraquecendo a milícia fundamentalista.

No final de novembro de 2001, o Talibã já havia perdido o controle de praticamente todo o país, com exceção da cidade de Kandahar, onde a milícia mantinha seu quartel-general. Há uma tensão crescente entre o parlamento conservador e governo de Hamid Karzai, eleito presidente interino da Administração Transitória Afegã. As forças do Talibã se tornaram mais efetivas em 2006, e chegaram até a anunciar seu governo em algumas províncias. Tropas da OTAN (Organização do Tratado Atlântico Norte) e soldados afegãos têm combatido as milícias do Talibã, mas têm sofrido baixas significativas.

Cerca de 99% da população é muçulmana e deste grupo 80% são sunitas. Há algumas minorias religiosas, incluindo-se cristãos. Antes dos conflitos de 2001, a maioria dos cristãos era estrangeira, mas estes se viram obrigados a abandonar o país com o início dos ataques norte-americanos. Sob o domínio do Talibã, os xiitas foram sistematicamente perseguidos.

A Igreja

O cristianismo chegou ao Afeganistão nos primeiros séculos da era cristã. Por volta de 400 d.C., já havia um bispo instalado na cidade de Herat. No entanto, o século XIV assistiu à erradicação do cristianismo por Tamerlão, último dos grandes conquistadores da Ásia Central e, desde então, a influência cristã tem experimentado períodos de ascensão e declínio. Durante a ocupação soviética e no período imediatamente posterior, era possível desenvolver algum tipo de ministério cristão, mas com a tomada do poder pelo Talibã, todos os missionários cristãos e a maioria dos cidadãos ocidentais foram expulsos do país. Durante o governo Talibã, a pressão aos cristãos aumentou. Era permitido aos estrangeiros reunir-se em pequenos grupos nos lares, visando comunhão, mas atos evangelísticos e a participação de afegãos eram proibidos. Obreiros cristãos foram expulsos do país; rádios e canais de televisão foram proibidos; e a Polícia do Vício e dos Bons Costumes monitora estritamente o comportamento religioso.

A situação daqueles que decidiram deixar o islã e dos considerados apóstatas continua a ser difícil. Mas, apesar das lutas e obstáculos, a Igreja afegã está crescendo, ainda que de forma clandestina.

A perseguição

Enquanto manteve o poder, o Talibã instituiu um novo governo teocrático com base em uma rigorosa interpretação da *sharia*. A liberdade religiosa sofreu severas restrições como conseqüência das regulamentações impostas pelas diversas facções presentes no país. Quase todo o território afegão assistiu a uma vigorosa promoção do islã, que resultou, de maneira geral, em uma opressão jamais vista contra a pequena comunidade cristã.

As leis e os costumes afegãos exigem uma filiação religiosa. O ateísmo é considerado apostasia, crime passível de morte. Por princípio, todos os afegãos são considerados muçulmanos e as conversões são ilegais. Os convertidos podem ser condenados à morte por apostasia. Os não muçulmanos residentes no país podem praticar a sua fé, mas não podem evangelizar.

Afeganistão



7ª posição na Classificação de países por perseguição

Todos os homens muçulmanos devem participar das orações diárias nas mesquitas, enquanto as mulheres devem fazer suas orações em casa por não poderem orar em público. Quando centenas de mulheres puderam orar publicamente pela paz na cidade de Kandahar no começo de 2007, foi dito que aquele era o primeiro evento do tipo. Alguns países, entre eles o Irã e a Arábia Saudita, têm apoiado o Afeganistão com o envio de líderes religiosos, dinheiro e literatura. O país é um verdadeiro lar para muitos muçulmanos radicais que ameaçam a vida dos cristãos. O norte do país é o principal fornecedor de ópio do mundo, e os produtores e distribuidores perseguem os cristãos que se opõem às suas atividades.

Em julho de 2007, 23 jovens missionários evangélicos sul-coreanos foram capturados na Província de Ghazi, sul do país. Em sua maior parte, eram mulheres com idades entre 20 e 30 anos, e todos eram membros da Igreja da Comunidade Saemmul em Bundang, ao sul de Seul.

Eles partiram no dia 13 de julho para o Afeganistão para realizar "atividades evangélicas e tarefas voluntárias" em hospitais e lares de acolhida para crianças. Certo dia, quando viajavam de ônibus entre Cabul e Kandahar, cerca de 120 km ao sul da capital, dezenas de Talibãs pararam o ônibus e levaram o grupo ao deserto.

Os talibãs exigiram que uma tropa sul-coreana (cerca de 200 homens) fosse retirada do Afeganistão, que fosse pago um resgate em dinheiro e que oito de seus militantes fossem libertos em troca dos reféns. Dois dos reféns sul-coreanos, entre eles o pastor Bae Hyung-Kyu, foram mortos pelos radicais quando os prazos para o cumprimento das exigências expiraram. Em meados de agosto, os talibãs libertaram duas reféns doentes, como "um gesto de boa vontade". Depois de seis semanas em cativeiro, as autoridades da Coreia do Sul fecharam um acordo com os rebeldes pela libertação de todos os reféns, em troca de que o país acelerasse a retirada de seu pessoal civil e militar do Afeganistão e contivesse o envio de missionários cristãos ao país.

O pastor da igreja Presbiteriana Saemmul em Bundang, que organizou a missão no Afeganistão, declarou que alguns dos reféns chegaram a ser "agredidos severamente" por não abraçarem o islã. Segundo o pastor, os dois homens que sobreviveram, Je Chang-hee e Song Byung-woo, foram ameaçados de morte por se negarem à conversão, e as mulheres correram o "risco de serem violentadas".